



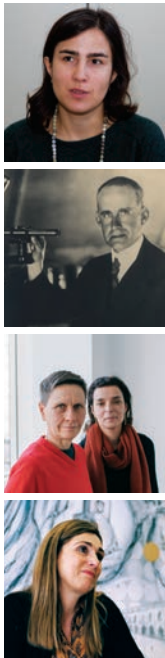
EFEMÉRIDES

Neste número celebramos uma efeméride científica, o centenário da expedição de Arthur Eddington à ilha do Príncipe, em 1919, para aí observar um eclipse total do Sol. Esta observação confirmou a teoria da relatividade geral de Einstein. Os organizadores da celebração na Universidade de Lisboa, que tem por curadora a professora Ana Simões, contam-nos os pormenores do acontecimento. Falámos também com as investigadoras responsáveis pela investigação que hoje se faz no Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes, as Doutoradas Maria Carmo-Fonseca e Maria Manuel Mota, que nos deram conta da atividade que aí desenvolvem.

Uma outra efeméride, os 20 anos do Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa (FATAL), foi pretexto para falarmos com os que estiveram na sua criação e os que hoje o prolongam, de modo vivo. Conversámos ainda com alunos estrangeiros que escolheram estudar na ULisboa, e ouvimos duas professoras da Universidade, uma sobre uma importante questão atual, e outra sobre quatro objetos de gosto pessoal.

Se a investigação científica é uma forma de inquirição racional, o desporto e a literatura são uma inquirição sobre os limites do corpo e os limites do exprimível. As antigas alunas da ULisboa, Filipa Cavalleri e Luísa Costa Gomes, falam-nos justamente sobre isso. •

ÍNDICE



- 1 **Editorial**
- 2 **Índice**
- Notícias**
- 3 Aconteceu
- 5 Vai acontecer
- 6 **Sobre**
Falta de imaginação, por Maria Sequeira Mendes
- 7 **4 Coisas**
Palmira Ferreira da Silva
- 8 **Do mundo para a ULisboa**
Estudantes estrangeiros
- 12 **Einstein, Eddington e o Eclipse**
O centenário de uma grande revolução científica
- 18 **Maria Carmo-Fonseca e Maria Manuel Mota**
«O que torna único cada instituto de investigação são as pessoas.»
- 22 **FATAL à flor da pele**
20 anos de Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa
- 28 **E assim sucessivamente**
Filipa Cavalleri
Luísa Costa Gomes

FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Área de Arquivo, Documentação e Publicações
Diretor: **António M. Feijó** | Coordenação executiva e produção: **Ana Silva Rigueiro**
Redação e comunicação: **Ana Cláudia Santos e Helena Carneiro**
Fotografias: **Duarte Pinheiro, José Bértolo, Tânia Araújo, Tiago Carvalho**
Capa: Eclipse do Sol, 1919 © Royal Museums Greenwich Collection
Verso de capa: Discos protoplanetários © ALMA (ESO/NAOJ/NRAO)
Verso de contracapa: *Morro como País*, de Dimítris Dimitriádis. Encenação de John Romão.
GTN – Grupo de Teatro da Nova. Menção honrosa no FATAL 2013. © 2013 José Furtado
Design: **A Bunch of Susans**

Periodicidade: **março, maio, outubro e dezembro** | Assinaturas e distribuição: **imprensa@reitoria.ulisboa.pt**
Impressão: **Lidergraf – Sustainable Printing** | Tiragem: **12 000 exemplares**
Depósito legal: **418564/16** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**
Alameda da Universidade · Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal
Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: **imprensa@reitoria.ulisboa.pt**
Distribuição Gratuita



António Branco Presidente da ELRA

Professor do Departamento de Informática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, António Branco é o novo presidente da ELRA – European Language Resources Association, a principal associação científica europeia para o processamento da linguagem natural, e uma das mais importantes a nível mundial neste subdomínio da Inteligência Artificial. «A ELRA presta um apoio crucial na preparação tecnológica das línguas naturais para a era digital, contribuindo para assegurar a cidadania dos seus falantes na sociedade da informação», diz o professor, que também coordena o NLX – Grupo de Fala e Lin-

guagem Natural, e a PORTULAN CLARIN – Infraestrutura para a Ciência e Tecnologia da Linguagem, além de ser membro do Conselho Executivo da META-NET European Network of Excellence for Language Technology.



© Wouter Keuris Fotografe

Alexis Tam Chon Weng Doutoramento *Honoris Causa*

A 11 de março, sob proposta do Instituto de Educação, a ULisboa atribuiu o título de Doutor *Honoris Causa* a Alexis Tam Chon Weng, Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura de Macau. A distinção reconheceu o seu contributo para o desenvolvimento da educação, em especial a promoção do ensino da língua e cultura portuguesas em Macau e na China. Nascido em 1962, no Myanmar, estudou na China, em Portugal e

na Escócia. Alexis Tam tem promovido políticas ativas de incentivo ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa em escolas públicas e privadas do ensino não-superior, onde o número de alunos e de professores de Português duplicou, verificando-se igual tendência no número de alunos matriculados nos cursos superiores ligados à língua portuguesa. Entre outras medidas, criou, em 2016, um programa de financiamento para a elaboração de materiais científicos e pedagógicos de apoio ao ensino da língua portuguesa, ao abrigo do qual foram publicadas mais de duas dezenas de obras. A sua ação tem ultrapassado o espaço de Macau, ao incrementar o apoio às instituições de ensino superior da China, Tailândia, Vietname, Coreia do Sul, e Japão, através da formação de professores, mobilidade de docentes de língua portuguesa e difusão de materiais pedagógicos. Em 2014, foi condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique.



Descoberta proteína preventora de doenças Instituto Superior de Agronomia

A deflamina, uma proteína bioativa existente no tremçoço, pode ser crucial na prevenção das doenças inflamatórias intestinais e do cancro colorretal. A descoberta foi feita pela equipa de investigação do ISA liderada pelo Professor Ricardo Boavida Ferreira, e integrada pela investigadora Ana Lima e pela doutoranda Joana Mota. Em Portugal, entre 7000 e 15 000 pessoas são afetadas por estas condições clínicas, sendo o cancro colorretal o terceiro mais comum a seguir ao cancro da mama e da próstata. A descoberta deu-se no âmbito do projeto «Plants for Health and Nutrition», que desenvolve soluções inovadoras para a saúde das plantas e dos seres humanos. A equipa encontrou um inibidor de inflamação do tipo proteico, que tem a vantagem de poder ser introduzido na alimentação sem toxicidade, mas mantendo o seu valor bioativo. Em colaboração com Anabela Raymundo e Isabel Sousa, da unidade de investigação Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), adicionou-se a deflamina a bolachas, projeto premiado com o BfK Awards 2018, na categoria Food and Nutrition.



Ricardo Boavida Ferreira

Português no telemóvel Curso de língua portuguesa à distância

A Faculdade de Letras e a empresa Distance Learning Consulting lançaram, a 23 de janeiro, «O Meu Português», um curso *online*, multimédia e interativo, disponível em computador, *tablet* e *smartphone*. É a primeira aposta da Faculdade num ensino não-presencial. O curso é composto por unidades temáticas e atividades sistematizadas, assegurando a aquisição de competências de compreensão e de produção oral e escrita. Está disponível em oito línguas – português, mandarim, inglês, espanhol, árabe, russo, francês e romeno – e permite a escolha do português europeu ou brasileiro.

É constituído por aulas teóricas e práticas, simulando uma escola presencial com secretaria e biblioteca virtuais. A plataforma que o suporta, a Netforma, possui características únicas, medindo a inteligência emocional do aluno, ajudando-o a aprender, e possibilitando ao tutor/professor aprender a ensinar a partir

de um algoritmo estatístico-matemático, que organiza o processo de avaliação. Foi lançado agora o nível A1, estruturado em seis unidades temáticas – alfabetização, identificação pessoal, quotidiano, alimentação, casa e trabalho – podendo os aprendentes ouvir, gravar, ler, escrever e guardar a sua produção. No final, é realizado um teste para a obtenção de um certificado. O nível A2 será lançado até ao final deste ano letivo, e os níveis B1 e B2 em 2020.

António Augusto Fernandes, diretor-geral da DLC

Miguel Tamen, diretor da FLUL

Nélia Alexandre, coordenadora pedagógica do curso

Arnaldo Espírito Santo, presidente da Associação

para o Desenvolvimento da FLUL



© FLUL-DRE (Denise Moura)

Marija Vranic | Prémio Científico IBM 2018

Foi atribuído no passado dia 16 de janeiro à investigadora de pós-doutoramento, natural de Belgrado, do Grupo de Lasers e Plasmas do Instituto de Plasmas e Fusão Nuclear do Instituto Superior Técnico. O prémio distingue trabalhos de jovens investigadores no campo das ciências da computação. Com o valor de 15 000 euros, reconheceu o valor científico da tese de Ma-

rija Vranic, «Extreme laser-matter interactions: multi-scale PIC modeling from the classical to QED-dominated regimes». A investigadora usou os computadores mais potentes no mundo para estudar o que acontece quando *lasers* com intensidades extremas interagem com a matéria. Com *lasers* muito intensos, qualquer matéria fica ionizada e torna-se um plasma que sofre acelerações tão extremas que os efeitos da eletrodinâmica quântica passam a ser importantes para a dinâmica do sistema. A investigadora descobriu os algoritmos que tornam estas simulações possíveis, quer no caso clássico, quer no caso quântico. Este trabalho poderá ter implicações na indústria ou na medicina, ao possibilitar que se encontre novas fontes de radiação que permitam obter imagens mais precisas de objetos ou de tecidos e órgãos.



© Débora Rodrigues / Técnico

Highly Cited Researchers 2018

A Universidade de Lisboa tem quatro cientistas na lista «Highly Cited Researchers 2018», que reconhece os autores dos artigos científicos mais influentes no mundo. Os representantes da ULisboa são: na área de Engenharia, Mário A. T. Figueiredo, do Instituto Superior Técnico; na área das Ciências Agrárias, Luís Santos Pereira, do Instituto Superior de Agronomia e professor emérito da ULisboa; na área da Ciência Animal e Vegetal, Alan J. L. Phillips, da Faculdade de Ciências; na área das Geociências, José Manuel Bioucas-Dias, do Instituto Superior Técnico.

A lista dos cientistas altamente citados é publicada anualmente pela Clarivate Analytics, a partir dos artigos indexados na Web of Science entre 2006 e 2016, e com dados do Essential Science Indicators. Foram identificados 4058 cientistas com impacto significativo em 21 áreas científicas, e nomeados, pela primeira vez, 2020 cientistas influentes em diversas áreas.

Portugal tem 14 cientistas na lista de 2018, mais oito do que no ano passado: quatro da ULisboa, quatro da Universidade do Minho, quatro do Politécnico de Bragança, um da Universidade NOVA de Lisboa e um da Universidade de Évora.



Projeto Solvin' It

É uma iniciativa com três anos que parte para a 4.ª edição. A ideia surgiu em 2015: um empreendimento de *peer-teaching*, promovido pela Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa (AEFML), que organizaria sessões nas diversas áreas disciplinares da Faculdade, feitas por estudantes, e para estudantes – a chamada «educação pelos pares». No primeiro ano, teve 330 estudantes; hoje, conta 1234. Em 2018 estabeleceu-se a parceria AEFML – FMUL, para criar maior proximidade entre estes dois órgãos, sobretudo por intermédio do Gabinete de Apoio ao Estudante.

No presente ano letivo, com sessões desde outubro, o Solvin' It apresenta uma nova imagem, o fortalecimento da divulgação, a reestruturação das temáticas abordadas, e o aumento do número de tutores. Foi criada uma bolsa de coordenação e um espaço de atendimento aos estudantes, apostando-se numa nova vertente: pequenos grupos, que realizam um acompanhamento pedagógico mais próximo dos estudantes-participantes.



© Fundação EDP



Desenvolvimento de Carreira e Aconselhamento III Seminário Internacional

Realiza-se na Faculdade de Psicologia a 10 e 11 de abril, com o mote «Novos Contributos da Investigação e da Prática». É organizado com a UMinho e promove a partilha e a atualização de conhecimentos sobre psicologia da carreira. Pretende-se refletir acerca das competências dos psicólogos de carreira nos atuais contextos educativos e de emprego, e sobre o seu papel na inclusão e no sucesso escolares. O primeiro dia do evento será composto por *workshops*, um dos quais dedicado ao *bullying* e *cyber bullying*; no segundo, haverá conferências, uma delas a cargo de Jérôme Rossier, do Institut de Psychologie, Université de Lausanne: «Strengthening peoples' resources to help them managing their career and lives».

Os Fazedores de Letras O regresso

O jornal dos estudantes da Faculdade de Letras, fundado em 1993, está de volta com uma nova equipa, depois de ter permanecido inativo entre 2015 e 2018. Já foram lançadas duas edições, a 30 de outubro de 2018 e a 5 de fevereiro deste ano. A nova direção inclui Miguel Andrade, Sara Sousa, Tomás Ferreira, Cecília Sobral e António Pereira, que apelam à participação de colaboradores de qualquer Escola da ULisboa e de outras universidades nacionais e estrangeiras: o único critério é o mérito dos textos. Os novos *Fazedores* apostam na organização de eventos para toda a comunidade académica: além de dias abertos, organizaram, em janeiro, uma conversa pública com Brett Bourbon (U. Dallas), e está agendado para 3 de abril um evento com a participação de Hans Ulrich Gumbrecht (U. Stanford).

Para mais informações, consulte www.osfazedoresdeletras.com



OS FAZEDORES
DE LETRAS

Prémio Novos Artistas Fundação EDP

Isabel Madureira Andrade, Dealmeida Esilva, e Henrique Pavão, ex-alunos da Faculdade de Belas-Artes, são três dos seis finalistas da 13.ª edição do Prémio Novos Artistas Fundação EDP. Seleccionados por Inês Grosso, Sara Antónia Matos e João Silvério, os seis finalistas foram escolhidos de entre mais de 530 candidatos para apresentarem novas obras, especialmente produzidas para uma exposição que inaugurará no MAAT a 15 de maio e estará patente até outubro. O vencedor será

escolhido por um júri internacional, durante a exposição. Trata-se de um dos prémios mais significativos no panorama artístico português e destina-se à revelação de novos valores da criação nacional no domínio das artes plásticas. O prémio a estes artistas e a oportunidade de trabalharem de forma orientada por um curador, no contexto de um museu, têm-se revelado fundamentais para o início ou reforço de carreiras nacionais e internacionais.

SOBRE FALTA DE IMAGINAÇÃO

Maria Sequeira Mendes *

Quando me convidaram para escrever sobre feminismo, agradeci e recusei com cordialidade, explicando que não me importaria de escrever sobre Shakespeare, literatura ou teatro, mas que me incomoda que uma condição das chamadas minorias seja o facto de serem convocadas para falar sobre si próprias.

Portugal é um país conhecido pelas assimetrias, por um índice terrível de violência doméstica e de ausência de condenações, ou penas demasiado leves para os agressores. «Vou às manifestações», pensei, «faço a minha parte na vida civil, mas prefiro não misturar ativismo com academia, porque, quando é difícil ser-se reconhecido pelo que pensamos, preferimos não lembrar os outros de quem somos.» Assunto encerrado. Acerca de violência de homens sobre mulheres, poderia falar de Maria Adelaide Coelho da Cunha, internada num manicómio porque se apaixonou, tendo de desafiar Egas Moniz e Júlio de Matos, ou do acórdão recente que deu pena suspensa a um caso de violação.

As diferenças de tratamento são subtis e difíceis de explicar. Quando converso com amigos sobre livros de ensaios em que todos os convidados são homens, oiço que os autores foram escolhidos por mérito, um argumento comum. A minha resposta é a de que isso só revela a ignorância de quem convidou. Existem excelentes mulheres em todas as áreas, mas, como os homens têm mais reconhecimento público ou visibilidade, é mais fácil lembrarmo-nos deles.



© Valério Romão

Por este motivo, organizaram-se *sites* como *Women also know History*.

O mesmo sucede quando ensinamos. Seria ingénuo pensar que, em toda a literatura do século xvi, não existiu nenhuma mulher capaz de escrever um bom poema, como fez a rainha Elizabeth I com «On Monsieur's Departure»; ignorar que, no século xvii, Margaret Cavendish antecipou argumentos que hoje associamos a Locke e Hume; afirmar que o século xix não trouxe até nós alguns dos maiores romancistas, como Jane Austen. Insisto que estas devem estar nos programas não porque são mulheres, mas porque são pedras de toque do seu género. Também não me parece que tenham de lá estar porque nos explicam o que é ser mulher: Ibsen, em *Casa de Bonecas*, faz isso tão bem.

No artigo «How to suppress women's writing: "She only wrote one good book"», Joanna Russ explica que é frequente, no caso das romancistas, estudar-se apenas

um livro e não a obra toda, criando-se o mito do «*isolated achievement*», ou que, no caso das poetisas, se privilegiam os poemas de amor, desconsiderando-se outros aspectos da sua escrita.

Quando sou eu a decidir, obrigo-me a pensar em alternativas para os primeiros nomes que me ocorrem e que são, invariavelmente, de homens. Tem sido um bom modo de conhecer autores extraordinários, como a poetisa Rita Dove e a crítica literária Caroline Levine. Quando organizo conversas, procuro a paridade, quando dou aulas, brinco com as alunas e tento que participem, depois de ter lido um estudo que explica que os rapazes falam nove vezes mais em aula. Faço o mesmo com alunos tímidos. Nos *Jogos Florais*, o *site* de poesia que edito com amigos, percebemos que, entre os autores sobre quem escrevemos, os homens (brancos) ocidentais estavam em maioria, e isso empobrecia o *site*, pois estávamos a excluir poetas brilhantes que não líamos por terem menos visibilidade.

A respeito de acórdãos sobre violação há, claro, muito por fazer. No que toca à literatura (e à academia), há apenas preguiça para ler o que não nos ensinaram na escola, alguma ignorância e muita falta de imaginação. Creio que foi por isso que o convite me fez hesitar, não por não ser feminista, mas porque, num certo tipo de academia, o difícil é sermos convidadas para falar sobre o que pensamos e não sobre quem somos. ●

4 COISAS

Palmira Ferreira da Silva

Professora auxiliar do Departamento de Engenharia Química e Biológica e Vice-presidente do Conselho de Gestão para a Comunicação e Imagem do Instituto Superior Técnico

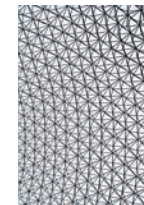
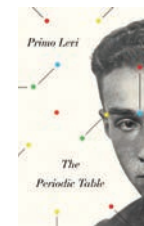


Tabela Periódica

Recomendar Primo Levi pelo seu amor à química parecerá certamente estranho. As pessoas deveriam lê-lo para descobrir o que significa ser humano. Ler *O Sistema Periódico*, título da edição portuguesa, é descobrir a ponte, o elo perdido entre o mundo das palavras e o mundo das

Tentações

Vi *As Tentações de Santo Antão* pela primeira vez numa deambulação infantil pelo museu das Janelas Verdes, enquanto esperava o navio que me devolveria o pai. A obra de Bosch parecia estranhamente moderna com as suas figuras aberrantes e fantásticas, desfadas dos restantes quadros austeros. A sua imagem

Biosfera

Visitar Montreal e não ir à Île Sainte-Hélène ver o pavilhão que inspirou Harry Kroto na proposta da estrutura do C60 e restantes fulerenos é, pelo menos para um químico, um crime de lesa-majestade, mesmo em dia de Grande Prémio do Canadá. A massa humana que se acumulava nos acessos

Um pouco mais de azul

O fascínio do ser humano pela cor e pela luz preencheu o imaginário mitológico desde os primórdios da História. O homem adorou o deus sol, o deus raio, a deusa lua, o deus fogo e muitas outras fontes de luz, e associou-lhes cores. Alguns poetas, impelidos por este mesmo

coisas. Mas este é, simultaneamente, um livro sobre a natureza humana. Porque, como escreveu Levi, é necessário compreender a matéria para compreender o Universo e a nós mesmos. Um livro que não podemos deixar de ler no ano internacional da Tabela Periódica.

perturbante perdurou na minha memória. Sempre que o revejo, sobreposto ao retrato da condição humana num mundo pautado pela inquietação e pelo rebaixamento grotescos, vibram nos meus sentidos, com uma invulgar ternura, os cheiros e medos da minha infância.

ao circuito Gilles Villeneuve não ofuscava a nudez estrutural da magnífica Biosfera que domina a ilha, um icosaedro gigante arredondado pela fragmentação das faces em triângulos. Uma homenagem mais do que justa a Buckminster Fuller, o arquiteto que foi, antes de mais, um ecologista.

fascínio, conseguiram de forma singular torná-lo uma parte de si, convertendo-o, enfim, numa fração da sua identidade. O fogo, a luz e a cor, a tríade que constitui a matriz simbólica predominante em Sá Carneiro, dão corpo ao poema «Quási» (em *Dispersão*).

* Professora auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

DO MUNDO PARA A ULISBOA

ESTUDANTES ESTRANGEIROS

Falámos com quatro alunos que escolheram a Universidade de Lisboa para prosseguirem os seus estudos. Partilharam as razões da sua escolha e a sua experiência académica e social. O Vice-reitor Luís Ferreira explicou-nos o enquadramento da importância destes alunos para a ULisboa.

O universo dos estudantes estrangeiros é vasto e abrange várias situações: alunos ao abrigo dos programas Erasmus e Erasmus +; parcerias de mobilidade com universidades de outros países, em que o aluno vem apenas por um semestre, tendo por contrapartida o envio de um aluno da ULisboa; projetos internacionais; e alunos ao abrigo do Estatuto do Estudante Internacional. A ULisboa tem 7500 alunos estrangeiros, cerca de 14 % do total da sua população estudantil. Vêm de 106 países diferentes, «criando-se um ambiente verdadeiramente universal; sem se sair do mesmo sítio, entra-se em contacto com pessoas do mundo inteiro, o que ultrapassa o que se ensina dentro de uma sala de aula», declara o Vice-reitor Luís Ferreira.

A ULisboa recebe estudantes internacionais para os níveis de mestrado e doutoramento, e passou a poder fazê-lo na licenciatura, com a reformulação do Estatuto do Estudante Internacional. A lei estipula que se tenha em conta o custo real da formação, o que justifica que propinas de licenciatura atinjam os 7000 euros para alguns destes alunos, como acontece no Instituto Superior Técnico ou na Faculdade de Ciências. Enquanto a maioria entra por via do contingente nacional, competindo com outros estudantes nacionais, aos estudantes internacionais é dedicado um contingente especial, por curso,



© Tiago Carvalho

Luís Ferreira

aprovado todos os anos pelo Reitor. O requisito legal essencial é que cada aluno preencha as condições exigidas no seu país de origem para ingressar no ensino superior. Luís Ferreira informa que, «nos doutoramentos, o custo das propinas é semelhante ou igual ao de um aluno português, considerando-se que o estudante internacional contribui, nesse nível, para a produção científica». Quanto aos critérios de aceitação dos alunos, «são estabelecidos por cada Escola, sem a obrigatoriedade de aulas em inglês, embora esta já se tenha tornado quase língua franca nos mestrados e doutoramentos», acrescenta.

A primeira versão da lei estipulava que o aluno dominasse a língua portuguesa, exceto se o curso fosse lecionado em inglês; agora, são aceites alunos com um baixo nível de português, que ao fim de um ano terão de atingir o nível B2.

De acordo com Luís Ferreira, «prevê-se que nos próximos anos haja uma diminuição de matrículas no ensino superior; cativar os alunos estrangeiros é uma forma de manter o mesmo número de alunos, sem representar um custo para o Estado português». Pelos testemunhos que se seguem, pode dar-se esse objetivo como cumprido. •

Mestranda em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território. Vem de Bogotá, na Colômbia.

«No último ano da licenciatura em antropologia fiz um intercâmbio em São Paulo, Brasil; queria melhorar o meu português. Conheci pessoas de geografia e percebi que podia gostar da área. Um amigo chileno que estuda no IGOT falou-me da abrangência das disciplinas e da qualidade e capacidade crítica dos professores. Agradou-me a parte académica e apreciei a simplicidade da candidatura. Estou cá desde setembro – e felicíssima.

Vivo na Graça, com dois colombianos também estudantes na ULisboa. Para poder vir, economizei durante uns anos. Na Colômbia, é costume trabalhar-se depois da licenciatura, antes de se seguir para mestrado. Trabalhei com «catadores»; num estudo sobre malnutrição; numa consultora que apoiava os processos de paz nas áreas rurais do país. Viajei muito. Na academia, por vezes é tudo muito romântico; no mundo do trabalho, percebe-se que as pessoas são complexas, os processos difíceis. Voltei a estudar por gosto: num trabalho representamos alguém e temos de ter cuidado com o que dizemos; na academia, somos mais livres.

Pedi um empréstimo; pensei que aqui havia mais bolsas de estudo para estudantes internacionais. Acho injusto as propinas serem mais elevadas para os estudantes internacionais, mas, ainda assim, o custo é menor do que na Colômbia. Estou a concorrer a uma bolsa do governo colombiano, cuja contrapartida é a de nos devolverem parte do dinheiro investido se regressarmos ao país.

Os «recicladores» são os «catadores» do Brasil – pessoas que reciclam em condições precárias, sendo discriminadas. Em Portugal, o sistema está direcionado para a reciclagem – da comida de supermercado, de frutas menos bonitas; na Colômbia, deita-se tudo fora, a lei é muito estrita. O foco do meu estudo eram estes recicladores e o seu processo organizativo, mas as aulas deram-me a conhecer outras práticas. Fiz um trabalho sobre resíduos eletrónicos – e-waste – e comecei a pensar o tema de forma mais global.

Portugal é um país central; é mais difícil viajar para África ou para a Ásia a partir da América Latina. Gosto da vida em Lisboa. Bogotá é uma cidade caótica e com distâncias longas; gosto da segurança que há aqui e das atividades culturais e artísticas. O turismo tem alguns efeitos perversos, mas Lisboa continua a ser uma cidade maravilhosa.

Já pensei em fazer o doutoramento noutra área das ciências sociais, mas, por agora, vou continuar o mestrado.



© Duarte Pinheiro

CATALINA GIRALDO VILLAMIZAR

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

«Na academia, por vezes é tudo muito romântico; no mundo do trabalho, percebe-se que as pessoas são complexas, e os processos difíceis.»

© Tiago Carvalho



MERYEM DUTOĞLU

Instituto de Ciências Sociais

Doutoranda em Política Comparada. Vem de Istambul, na Turquia.

«Visitei Portugal e pensei logo em vir para cá. O doutoramento é um período mais longo e considerei não apenas as condições académicas, mas também onde ia viver.»

«Licenciei-me em Relações Internacionais, numa universidade franco-turca, em Istambul. Foi natural escolher a França para fazer o mestrado, também pela pressão sobre os académicos na Turquia; lá, não tinha futuro. Consegui uma bolsa em França, e estive em Itália e na Tunísia como aluna visitante, três meses em cada. Também visitei Portugal e pensei logo em vir para cá. Como o doutoramento é um período mais longo, considerei não apenas as condições académicas, mas também onde ia viver. Não queria ir para o Norte, para países frios! [Risos] Além disso, dentro da União Europeia, Portugal é um dos países mais acessíveis quanto ao custo de vida. Candidatei-me ao ICS por causa da abordagem orientada para uma investigação académica produtiva e sistemática. Também queria ter a certeza de que o doutoramento seria 100 % em inglês. O ICS pareceu-me o melhor do país no campo da ciência política. Cheguei em setembro de 2018 e espero ficar quatro anos, até terminar. O meu projeto é sobre regimes autoritários, especificamente sobre as suas táticas de sobrevivência. Quero estudar a Turquia e a Rússia, para perceber como estes regimes persistem durante mais de 15 anos, quais as estratégias de controlo dos meios de comunicação e de repressão do povo. Também escrevo como *freelancer* para publicações *online* na Turquia, sobre sustentabilidade ambiental, arte, cultura e política. Vivo em Alvalade, num apartamento com quatro estudantes portugueses. Não passo muito tempo fora do ICS, mas, quando vou à Baixa, sinto o movimento da cidade e sinto-me bem acolhida. Se conseguir um lugar como investigadora, gostava de ficar cá, mas teria de aprender a falar português. [Risos]



© Acervo pessoal



RODRIGUE KAZZI

Instituto Superior de Economia e Gestão

Aluno do mestrado em Ciência Atuarial em 2016/2018. Vem de Al Chammis, no Líbano, localidade tão pequena, que diz ser desconhecida dos próprios libaneses.

«Licenciei-me em Ciência Atuarial, a aplicação da matemática ao cálculo do risco e dos seguros em instituições financeiras. Escolhi o ISEG porque queria uma acreditação internacional. Os cursos dos Estados Unidos só são reconhecidos nos Estados Unidos, os do Reino Unido, *idem*; as minhas qualificações agora são reconhecidas internacionalmente. Foram dois anos extraordinários. Vivi os primeiros meses em Santa Catarina, na casa de um senhor de 70 anos que alugava quartos. Era um português típico, contava-me muitas histórias e ensinou-me o que sei da língua. Depois, vivi com estudantes Erasmus, onze na mesma casa; foi uma vida diferente, com muitas festas. O mestrado é internacional, as aulas são em inglês, e a turma multicultural. Fiquei muito satisfeito com o nível de ensino. Os professores são modestos e acolhedores, preocupam-se com os alunos. No primeiro dia, a diretora do departamento sabia os nossos nomes, de onde vínhamos, e o que tínhamos estudado. Sentimos que somos especiais. [Risos] Acompanhavam-nos de perto. Houve várias sessões de acolhimento, algumas com agentes policiais que explicavam as medidas de segurança, o que achei útil e tranquilizador para um estudante internacional. Além disso, as pessoas do gabinete de mobilidade internacional foram indispensáveis nos procedimentos com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. A maioria dos meus colegas ficou a trabalhar em Lisboa; o mercado português está recetivo a estudantes internacionais. Vim fazer o doutoramento para a Vrije Universiteit Brussel, na Bélgica, porque queria uma nova experiência. Voltar a Portugal para trabalhar é uma hipótese; aliás, continuo a visitar Lisboa. Não imagino um lugar mais acolhedor. Os portugueses estão sempre dispostos a ajudar; é algo muito especial, de que sinto muita falta.»



Bolseiro Marie Skłodowska-Curie no projeto Foie Gras. Vem do Bangladesh.

«Licenciei-me em Farmácia na Universidade East West, em Dhaka. Queria fazer o mestrado fora do país. Escolhi a Universidade de Camerino, em Itália, onde fiz o mestrado em Diagnóstico Molecular e Biotecnologia, com uma bolsa. Fiz Erasmus em Aarhus, na Dinamarca, e visitei laboratórios na Noruega e na Alemanha. Depois, fiquei sete meses na Universidade de Quioto. Percebi que não conseguiria fazer o doutoramento ali; o país é muito bonito, mas as diferenças de estilo de vida e académicas são muito grandes. Candidatei-me a vários lugares na Europa e consegui esta bolsa. O projeto, financiado pelo Horizonte 2020, está a cargo de um consórcio de 13 universidades europeias, uma delas a Universidade de Lisboa, através do iMED.Ulisa – Faculdade de Farmácia. Percebi que a Universidade era uma das melhores em Portugal, e o grupo que iria integrar, dirigido pela Professora Cecília Rodrigues, muito ativo no campo da doença hepática gordurosa não-alcoólica, com a publicação regular de artigos científicos de excelência. Vim no final de 2017 e ficarei durante pelo menos três anos, com a possibilidade de prolongar por mais um ano. Vivo nos Olivais com a minha mulher. Estamos os dois a tentar aprender português. Até agora, comunicar não tem sido um problema, porque todas as pessoas falam inglês. Não esperava que fosse uma língua tão usada aqui; na Itália, França ou Alemanha, as pessoas sabem inglês, mas recusam-se a falá-la. Aqui são prestáveis, acolhedoras e bem-dispostas, tentam sempre fazer-nos rir. Gosto da cidade, e a comida é boa; no meu país, comemos arroz, lentilhas, batatas e peixe, por isso estou no sítio certo. [Risos] Portugal é um país calmo, não é problemático como outros países maiores. Se conseguir um lugar aqui depois de terminar o doutoramento, gostaria de ficar.»



© Tiago Carvalho



TAWHIDUL ISLAM

Faculdade de Farmácia

«Todas as pessoas falam inglês, não esperava que fosse uma língua tão usada aqui. Na Itália, França ou Alemanha, as pessoas sabem-na, mas recusam-se a falá-la.»

EINSTEIN, EDDINGTON E O ECLIPSE

O CENTENÁRIO DE UMA GRANDE REVOLUÇÃO CIENTÍFICA



O dia 29 de maio de 2019 assinala os 100 anos de um eclipse solar total, e de uma expedição à ilha do Príncipe encabeçada pelo astrónomo inglês Sir Arthur Stanley Eddington, em que se confirmou a teoria da relatividade geral de Einstein. A Universidade de Lisboa assumiu um papel relevante nesta celebração, associando-se ao grupo «Eddington at Sundy» na organização concertada de uma série de atividades científicas, históricas e lúdicas.

Procurámos saber por que razão foi este eclipse tão revolucionário para a ciência, a história das ciências – e, de modo mais lato, para a nossa compreensão do Universo. É o que partilhamos com os leitores.

O INTERESSE ASTRONÓMICO DE UMA TEORIA FÍSICA

Quatro anos antes do eclipse de 29 de maio de 1919, Eddington era um astrónomo do Observatório de Cambridge, que, apesar de jovem, tinha o respeito da comunidade científica britânica. Passara já pelo Observatório de Greenwich, onde fora supervisionado por Frank Dyson, diretor desse observatório e astrónomo real. Além de exímio observador e calculador competente, Eddington possuía conhecimentos de matemática e de física invulgares num astrónomo. Não se sabe com exatidão quando ficou Eddington a par da teoria da relatividade geral, mas deverá ter sido por intermédio de Willem de Sitter, astrónomo holandês do Observatório de Leiden. A teoria da relatividade restrita, conhecida desde 1905, estava a ser discutida em Cambridge; no entanto, os nomes maiores da física mundial não a consideravam de grande interesse. Eddington, sim.

Do ponto de vista da física clássica, a luz é uma onda eletromagnética que, em princípio, se propaga retilineamente; na generalização da teoria da relatividade, Einstein prevê que, numa zona do espaço com grandes massas gravitacionais, como o Sol, a luz emitida por uma estrela seja «atraída» para o Sol, e, em vez de se propagar retilineamente, encurve. Era compreensível que, para um astrónomo com o grau de sofisticação matemática e física de Eddington, tentar provar a previsão do encurvamento da luz – uma das consequências astronómicas da teoria física de Einstein – fosse de grande interesse. Outra das consequências astronómicas da teoria contribuiu para a explicação de um fenómeno que ocupava a comunida-

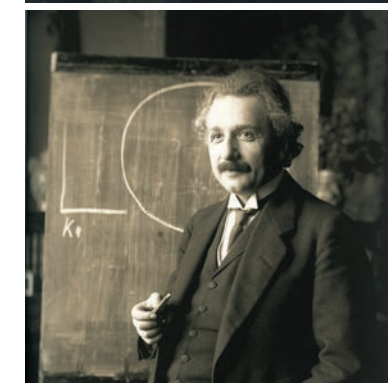
de dos astrónomos há quase um século – a precessão do periélio de Mercúrio, o planeta mais próximo do Sol, e a sua trajetória «mal-comportada», fenómeno que a teoria clássica da gravitação de Newton não conseguia explicar, e que a teoria gravitacional de Einstein, sem para tal se ter esforçado, explicou.

RUMO A UM ECLIPSE SOLAR TOTAL

A observação do eclipse solar de 1919 começou a ser preparada pelo menos dois anos antes, em plena I Guerra Mundial. A 9 de março de 1917, numa reunião da Royal Astronomical Society, Dyson chama a atenção para a importância do futuro eclipse. Era possível prever com muito rigor em que sítios é que o eclipse ia ser total, e Dyson pede a Arthur Hinks, astrónomo e secretário da Royal Geographical Society, que apresente um estudo, na sequência do qual são identificados dois sítios privilegiados para a observação, ambos em regiões longínquas: a cidade do Sobral, no nordeste do Brasil, e a ilha do Príncipe, na costa oeste de África.

A primeira instituição portuguesa a ser contactada pela equipa de Frank Dyson foi a Sociedade de Geografia de Lisboa; a correspondência entre as duas instituições decorreu entre março e abril de 1917. Era necessário estudar como se transportaria para os sítios de observação as equipas e os instrumentos, que tipo de apoio local haveria, e que condições meteorológicas se poderia prever. O Observatório Astronómico de Lisboa foi também contactado pelos astrónomos britânicos, com quem mantinham boas relações, no seguimento da observação, em Portugal, de um eclipse solar total em 1900.

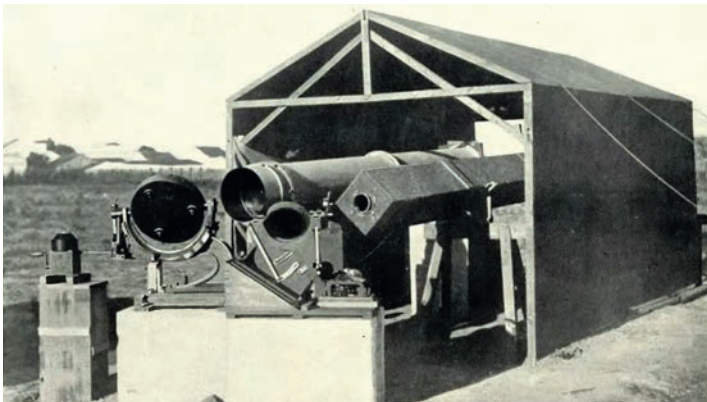
Desde meados do século XIX que se organizavam expedições para observar eclipses, por vezes em lugares de difícil acesso, o que exigia aos astrónomos financiamento governamental. Além de o Reino Unido estar em guerra com a Alemanha em 1917, havia



Sir Arthur Stanley Eddington
© Smithsonian Institution

Albert Einstein em 1921
© Ferdinand Schmutzer

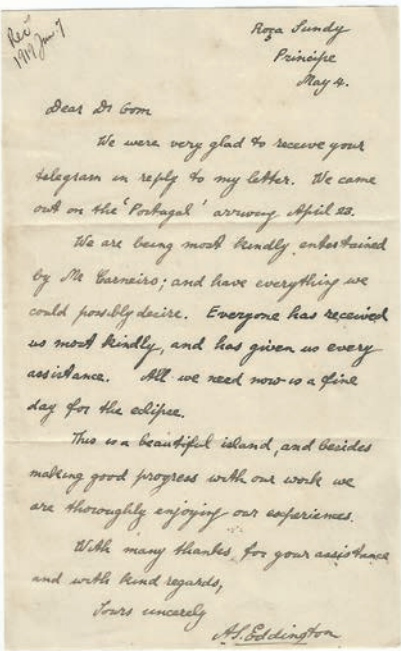
Fotografia do eclipse solar com a protuberância, enviada por Eddington para o Observatório Astronómico de Lisboa
© PT/MUL/OAL/F/462



Aparato para observação do eclipse solar no Sobral, Brasil, em 1919
© C. Davidson



O astrónomo M. S. Melo e Simas no Grande Equatorial do Observatório Astronómico de Lisboa
© PT/MUL/OAL/F/486



Carta de Eddington de 4 de maio de 1919 a Frederico Oom, enviada do Príncipe, onde se lê: «All we need now is a fine day for the eclipse.»
© PT/MUL/OAL/C/240

a preocupação adicional de Eddington ser *Quaker* (membro da Sociedade Religiosa dos Amigos) e, como tal, objetor de consciência por razões religiosas. Dyson sabia que, se Eddington fosse chamado para a guerra, não iria, com o risco de ser preso ou, no mínimo, de ser visto como antipatriota pela comunidade científica. Dyson consegue ganhar tempo e convencer o governo de que o trabalho de Eddington em Cambridge é tão importante que tem de permanecer lá. No entanto, conforme a guerra vai avançando e aumentam as probabilidades de Eddington vir a ser chamado, Dyson negocia a substituição do serviço militar pelo comando da expedição ao Príncipe. De certa forma, foram as crenças religiosas do jovem astrónomo que ditaram a planificação da viagem para a observação do eclipse.

Houve, na verdade, quatro expedições para observar o eclipse de 29 de maio de 1919: duas britânicas, uma brasileira e uma americana. Todas tinham a sua agenda científica, de que dependia o tipo de observação. A americana queria verificar as alterações do campo magnético do Sol durante o eclipse; a brasileira queria fotografar o

Sol com instrumentos especiais, a fim de analisar a sua composição física e química; as duas expedições britânicas pretendiam provar o encurvamento dos raios luminosos previsto pela teoria de Einstein.

«ALL WE NEED NOW IS A FINE DAY FOR THE ECLIPSE»

No ano da viagem para o Príncipe, Eddington tinha 37 anos. À época, fazer uma expedição do género, de barco, constituía um empreendimento de grande coragem. Acrescente-se que, até ao armistício, em 1918, não havia sequer a certeza de se conseguir levar a expedição a bom porto. Os dois grupos britânicos partiram de Liverpool a 8 de março de 1919, no vapor *Anselm*. Separaram-se depois na ilha da Madeira: para o Sobral, seguiram Charles Davidson e Andrew Crommelin, ambos astrónomos do Observatório de Greenwich; para o Príncipe, viajaram Eddington e E. T. Cottingham, calculador e técnico de relojoaria. Como é relatado no Comunicado da Comissão Conjunta Permanente para o Estudo do Eclipse, a 6 de novembro de 1919, Eddington e Cottingham permane-



Casa principal da Roça Sundry, no Príncipe
© Geraline Bruneel



Sessão pública de observação do eclipse anular do Sol no dia 26 de fevereiro de 2017, parcialmente visível na cidade de Santo António, em São Tomé e Príncipe
© Clube de Astronomia da Escola Secundária do Príncipe

ceram na Madeira até 9 de abril, data em que embarcaram no navio *Portugal* com destino ao Príncipe, tendo desembarcado no pequeno porto de Santo António a 23 de abril.

Já instalados na Roça Sundry, Eddington escreve uma curta missiva a Frederico Oom, em que afirma que aquilo de que precisavam era de bom tempo para o eclipse. Na verdade, os dias que o precederam foram nublados, e houve mesmo uma tempestade intensa na manhã de 29 de maio. Ainda assim, foi possível obter imagens de estrelas nas chapas finais, e «as chapas em que se verifica uma maior proporção de nuvens são de facto fotografias excelentes, que revelam uma proeminência notável no limbo do Sol», como se lê no Comunicado.

EINSTEIN SUPERESTRELA

Não será exagero afirmar que foi Eddington um dos grandes responsáveis pela notoriedade mundial de Einstein. Como expuseram Eddington, Dyson e Davidson no Comunicado, «o propósito da expedição era a determinação do efeito, no caso de existir, produzido pelo

campo gravitacional sobre o trajeto de um raio de luz». O resultado das expedições britânicas ao Sobral e à ilha do Príncipe podia, assim, ser um de entre três: ou não havia deflexão da luz, ou seja, não havia mudança de trajetória do raio luminoso, não sendo este afetado pela gravidade; ou a luz, tal como a matéria, era também sujeita à gravitação, como Newton já tinha sugerido, sendo o deslocamento aparente de uma estrela próxima do Sol de cerca de metade do valor previsto por Einstein; ou a trajetória do raio de luz apresentava uma deflexão que se coadunava com a teoria de relatividade geral.

Antes do anúncio dos resultados na reunião de 6 de novembro de 1919, Einstein seria talvez conhecido apenas pela elite científica. Depois de ter sido anunciada a verificação da deflexão dos raios luminosos, a 7 de novembro de 1919, lia-se no *The Times*: «*Revolution in Science. New Theory of the Universe. Newtonian Ideas Overthrown*». A partir desse dia, Einstein torna-se uma celebridade. Começa a aparecer em jornais e revistas, e ganha o prémio Nobel em 1921 – mas não pela teoria da relatividade.

CELEBRAÇÕES NA ULISBOA

O centenário da expedição de Eddington à ilha do Príncipe será assinalado em Lisboa pela exposição «E3 – Einstein, Eddington e o Eclipse», patente no Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) de 16 de maio a 8 de setembro. A exposição não se concentrará só na viagem e nas observações astronómicas do Príncipe, mas incidirá também sobre a expedição ao Sobral. Um dos objetivos é apresentar uma história global do eclipse de 1919, no contexto da teoria da relatividade geral, procurando mostrar que uma atividade científica é sempre um empreendimento que exige a participação de muitos, mesmo a daqueles de cujo nome não se recorda a História. Com a inauguração a 16 de maio, será também lançada uma edição filatélica especial dos CTT, alusiva ao centenário do eclipse. A exposição é curada pela professora Ana Simões, que coordena uma equipa constituída por Ana Eiró, Luís Tirapicos, José Avelã Nunes, Paulo Crawford, Pedro Ré, Paula Santos, José Afonso, Augusto Fitas e Joana Latas, com consultadoria científica de Luís Miguel Carolino e Pedro Raposo.

Em Lisboa haverá ainda dois ciclos de conferências: o primeiro, no Observatório Astronómico de Lisboa, na Tapada da Ajuda, com palestras de teor científico, seguidas de observações e de uma visita ao edifício; o segundo, no auditório do Caleidoscópio, dirigido a um público mais generalista. De modo coerente com a exposição no MUHNAC, nestes dois ciclos as expedições centenárias ao Sobral e ao Príncipe serão abordadas sob uma perspetiva científica, cultural e social.

No tocante às iniciativas do grupo «Eddington at Sundry», apoiadas pelos governos de Portugal e de São Tomé e Príncipe, as comemorações decorrerão na última semana de maio e serão oficialmente inauguradas no dia 29, com uma sessão conjunta na Sociedade de Geografia, em Lisboa. O dia será também assinalado pela abertura do Espaço Ciência e História SUNDY, nas imediações do sítio das observações de 1919, estando prevista a presença do Presidente da República Portuguesa. Ainda no dia 29 de maio, decorrerá a apresentação do livro *O Eclipse e Einstein*, com a presença dos autores, Luís Tirapicos e Nuno Crato. Haverá ainda um painel internacional dedicado ao tópico «Astronomia, África e Agenda 2030 da ONU».

Além destas atividades, a Sociedade Portuguesa de Física associa-se à Universidade de Lisboa na preparação de um número especial da *Gazeta de Física*, coordenado por Augusto Fitas, da Universidade de Évora, e por Paulo Crawford, da ULisboa, que deverá sair no início de maio. Está ainda prevista a produção de um livro de banda desenhada, pensado para um público-alvo acima dos 15 anos, que procurará acompanhar a narrativa da exposição, com ilustração da artista Ana Matilde Sousa e texto de Ana Simões. O livro deverá sair a 6 de novembro de 2019, dia em que os resultados das observações no Príncipe e no Sobral foram, em 1919, apresentados à Europa culta numa reunião conjunta da Royal Society of London e da Royal Astronomical Society. •

A Professora Ana Simões, do Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologia, e docente da ULisboa, esclareceu-nos algumas dúvidas sobre o centenário do eclipse e da expedição de Eddington à ilha do Príncipe.

ULISBOA Qual o papel da ULisboa nesta efeméride?

ANA SIMÕES A ideia surgiu da iniciativa «Eddington at Sundry», a que se associaram professores e investigadores da ULisboa. Incluíu também os jovens do NUCLIO (Núcleo Interativo de Astronomia) e do PLOAD (Grupo Lusófono de Astronomia para o Desenvolvimento). Pareceu-me óbvio que a ULisboa deveria estar envolvida, porque tem um observatório oitocentista, com características únicas no país e na Europa, e o qual, além do mais, com a Sociedade Portuguesa de Geografia, colaborou na preparação das duas expedições britânicas que foram observar o eclipse. A Universidade tem também o dever de dar a conhecer o seu património científico. O que queremos, com a exposição no MUHNAC, é olhar globalmente para o eclipse de 1919 do ponto de vista da teoria da relatividade.

ULISBOA O que leva um jovem astrónomo como Eddington a viajar para observar um eclipse e provar uma teoria recente, produzida por um cientista ainda pouco conhecido?

AS A história do encontro entre Eddington e Einstein é improvável. Não é claro que Eddington ou astrónomos contemporâneos estivessem a par das teorias de Einstein, nomeadamente a da gravitação, publicada em 1915. Está-se num período de guerra, as comunicações entre a Alemanha e o Reino Unido não são fáceis. Eddington, porém, percebe muito rapidamente a importância daquela teoria, que, para os astrónomos, tem um atrativo particular: explica a trajetória do periélio de Mercúrio, um problema irresolúvel há anos. Dyson, o astrónomo real, quando convoca as reuniões da Royal Astronomical Society para alertar para a importância do eclipse de 29 de maio, refere o potencial astronómico da teoria. Eddington interessa-se pela teoria de Einstein pelas suas consequências astronómicas, uma das quais é algo insólita: o encurvamento. Junta-se a improbabilidade de se organizar não uma, mas duas expedições em tempo de guerra, com um astrónomo, em idade de cumprir o serviço militar, a chefiar uma delas. As relações entre a ciência e a sociedade – ciência e política, ciência e religião – são sempre muito maiores do que se pensa.

ULISBOA Por que razão houve duas expedições britânicas e não uma?

AS Em 1917, quando Dyson leva o assunto à Royal Astronomical Society, alerta para o facto de ser um excelente eclipse, porque é longo, tem cerca de cinco minutos. É, além disso, um eclipse privilegiado no que diz respeito às observações necessárias para a comprovação do encurvamento da luz, uma vez que, por trás do Sol, há uma constelação de muitas estrelas, muito brilhantes. O que iam medir não era propriamente a superfície do Sol, mas o pano de fundo das estrelas, porque são elas que se vão deslocar. Havia a perspetiva de que, se se conseguisse fotografar o fundo das estrelas, e depois comparar as chapas em dois momentos diferentes, com o Sol interposto entre o observador e as estrelas, e noutra posição, sem que isso acontecesse, podia verificar-se se havia deslocamento e medi-lo. Para Dyson, atendendo a uma situação tão privilegiada, justificava-se organizar duas expedições.



© Mariana Cancela de Abreu

Ana Simões

Diagrama que ilustra a medição do encurvamento da luz, por ação da gravidade, ao passar junto do Sol, de acordo com a previsão de Einstein. Essa medição fez-se por comparação de fotografias tiradas ao fundo de estrelas durante o eclipse solar total de 29 de maio de 1919, quando os raios luminosos sofrem encurvamento ao passarem junto do Sol e, uns meses mais tarde, quando o Sol não se encontra entre elas e o observador e, portanto, a trajetória dos raios luminosos já não sofre encurvamento.

© Adaptação de Deborah G. Mayo, *Error and the growth of experimental knowledge*, 1996, pp. 278 e 281

ULISBOA No dia do eclipse, o céu esteve nublado. Os resultados eram fiáveis?

AS Sim. Houve uma polémica posterior, introduzida para lançar a suspeita de que Eddington estava predisposto para aceitar a teoria da relatividade de Einstein. Houve nuvens nos dois lugares, mas menos no Sobral; o telegrama que os ingleses enviam do Brasil diz: «*Eclipse splendid.*» Eddington, um otimista inveterado, manda um telegrama a Dyson a dizer: «*Through cloud. Hopeful.*» No Príncipe, choveu praticamente até o eclipse começar. Assim, em vez de observarem 16 estrelas, as chapas que obtiveram tinham só cinco ou seis. No Sobral, o calor fez dilatar o celóstato, desfocando as imagens. Depois, as chapas do Sobral e do Príncipe foram analisadas e estudadas em conjunto. Dessa análise seguiu-se que, a 6 de novembro, numa reunião conjunta da Royal Society e da Astronomical Society, se tenha anunciado ao mundo – no país

onde Newton continuava a ser a grande referência – que a teoria da relatividade geral de Einstein fora comprovada. Todas as tentativas de refazer os cálculos lhes deram depois razão.

ULISBOA Porque que é que nenhum astrónomo português integrou a expedição?

AS Na altura, o diretor do Observatório Astronómico de Lisboa era Campos Rodrigues, que, com 83 anos, não se podia deslocar. Frederico Oom, subdiretor, também não podia sair, pois assumia as funções de diretor. O astrónomo Manuel Peres, à época diretor do Observatório Astronómico de Lourenço Marques (hoje Maputo), e que será, mais tarde, diretor do Observatório de Lisboa, não conseguiu ir por razões burocráticas. Outro astrónomo, Melo e Simas, estava no Corpo Expedicionário Português, em França. Embora nenhum astrónomo tenha acompanhado Eddington ao Príncipe, a apropriação e divulgação da teoria da



relatividade pela comunidade dos astrónomos em Portugal foi muito rápida. Melo e Simas usou o Grande Equatorial, em 1923, para verificar o encurvamento, não com a luz a rasar o Sol, mas Júpiter. Foi o único português a tentar fazê-lo. •

Para saber mais: www.esundry.org



MARIA CARMO-FONSECA E MARIA MANUEL MOTA

«O QUE TORNA CADA INSTITUTO DE
INVESTIGAÇÃO ÚNICO SÃO AS PESSOAS.»

Fomos conhecer o Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes – iMM – da Universidade de Lisboa, onde nos receberam Maria Carmo-Fonseca, presidente, e Maria Manuel Mota, diretora executiva. Nestas duas cientistas portuguesas, ambas Prémio Pessoa, encontrámos um entusiasmo e um gosto pela descoberta contagiantes.

Fotografias © José Bértolo

ULISBOA Sempre quiseram ser cientistas?

MARIA CARMO-FONSECA O meu fascínio pelas ciências naturais começou na adolescência. Queria seguir uma carreira científica. Fui para medicina por conselho do meu pai, não para ser médica, mas porque, na altura, os cursos científicos não davam grandes oportunidades de desenvolvimento profissional.

MARIA MANUEL MOTA Os meus pais preferiam medicina ou farmácia, algo com maior aplicação prática, mas nunca esteve no meu horizonte. Eu gostava de ciência, do microscópio. Queria algo ligado à microbiologia.

ULISBOA Os estudantes, hoje, saem bem preparados de uma licenciatura em ciências?

MMM O importante não é a quantidade de matéria, mas formar pessoas curiosas. É preciso saber as bases, mas sobretudo onde encontrar informação de qualidade – é isto que a universidade deve providenciar. O aluno deve sentir que, se tiver dúvidas, pode perguntar ao professor.

MCF Estar preparado quando se termina um curso é estar preparado para o que se vai encontrar na vida, independentemente da opção profissional. A melhor preparação

que a universidade pode dar é para resolver problemas; não é a matéria, que em grande parte estará desatualizada quando o estudante terminar o curso, é a formação. É impossível preparar as pessoas para os diversos ambientes profissionais, porque começam a surgir novas carreiras. O que a universidade deve dar são instrumentos; é a velha frase: «Dar a cana de pesca e ensinar a pescar, e não o peixe.»

ULISBOA Assinalou-se a 4 de fevereiro o Dia Mundial da Luta Contra o Cancro. A Maria Carmo-Fonseca tem um projeto nesta área.

MCF Tenho estudado aquilo que regula o modo como os nossos genes são expressos e comecei a tentar aplicar esse conhecimento a situações médicas concretas, uma delas o cancro hereditário. A EVITA – Associação de Apoio a Portadores de Alterações nos Genes Relacionados com Cancro Hereditário – lançou à comunidade científica portuguesa o desafio de investigar a mutação fundadora portuguesa no gene BRCA2 e, de forma mais geral, o cancro hereditário, para contribuir com diagnósticos precoces ou tratamentos para evitar o seu aparecimento. Para perceber como se forma este cancro, vamos reproduzir o processo da cancerigénese, ou seja,

refundar as células mamárias e observá-las sistematicamente, expondo-as a uma série de stresses que acontecem ao longo da vida, e ver como se dá o processo que leva à formação do tumor. Sabendo-o, podemos encontrar pontos onde travá-lo.

ULISBOA O que é a mutação fundadora portuguesa?

MCF Há várias mutações que causam suscetibilidade ao cancro, mas esta é particular, porque aconteceu numa mulher portuguesa que tem hoje descendentes em todo o mundo, e todas elas são portadoras do risco – muitas destas mulheres fizeram mastectomias profiláticas. Estima-se, sem certeza, que terá acontecido há cerca de 200 anos. Não sabemos de que zona do país era a mulher, talvez do Norte, dada a maior incidência de descendência aí.

ULISBOA Descreveu de modo metódico o seu processo de trabalho, mas já falou na imprevisibilidade do que se pode encontrar nos genes.

MCF Descrevi de forma sistemática o método científico, o modo como olhamos para a natureza e desenhamos experiências para manipular variáveis de forma controlada, observando como cada uma influencia o processo natural. A natureza funciona de modo imprevisível. Uma das regras da



«O prazer da descoberta tem de ser superior ao desânimo de um falhanço.»

Maria Manuel Mota

«Felizmente, a ciência é uma das áreas em que o género não conta.»

Maria Carmo-Fonseca

vida é criar variação, e é por causa da variabilidade que a vida se adapta ao meio e evolui. Nunca vamos conseguir controlar tudo.

ULISBOA A Maria Manuel Mota estuda o parasita da malária, focando-se no hospedeiro.

MMM Qualquer organismo que viva à custa de outros é um parasita. Nos séculos XIX e XX, o campo da parasitologia autonomizou o parasita; por se tratar de um organismo mais complexo do que uma bactéria ou um vírus, deu-lhe uma importância desmesurada. O nosso laboratório voltou à base, relembrando que a autonomia não é real, que um parasita só o é porque vive à custa de outro ser. A pergunta é: porque precisam eles de nós para viver? Percebendo o que lhes damos, conseguimos retirá-lo, e o parasita deixa de conseguir viver e de causar doença. No caso do parasita da malária, sabemos que precisa

de dois hospedeiros: o mosquito, que transmite a doença, e o ser humano. Quando chega ao nosso corpo, só consegue estabelecer-se nas células do fígado. Aí, cada parasita dá origem a cerca de 40 mil outros. Pretendemos saber o que lhes fornece o fígado que permite esta multiplicação. Começámos em 2002 e temos feito descobertas, mas ainda não temos a resposta. Para justificarmos o nosso insucesso, dizemos que não se trata de apenas um fator, mas de um *cocktail* de fatores. Estamos sempre à procura do calcanhar de Aquiles do parasita.

ULISBOA Fazem trabalhos morosos, que implicam persistência. De onde vem o entusiasmo?

MCF Da paixão pela descoberta. Se uma descoberta pode resultar na cura da malária ou na prevenção do cancro hereditário, por exemplo, isso já é outra conversa. Mas nada nos tira o prazer de descobrir.

MMM O prazer da descoberta tem de ser superior ao desânimo de um falhanço.

ULISBOA Em que consiste a experiência com os ratinhos que explora a possibilidade de termos, durante mais tempo, células jovens?

MCF É uma experiência de manipulação da expressão dos genes, que não implica a sua mutação; o ADN, a informação de base, está íntegro. O nosso laboratório e outros procuram identificar o conjunto de genes que se alteram durante o envelhecimento – e, como já temos várias maneiras de interferir com a expressão do gene, é possível reverter esse fenótipo. Aqui, revertermos o aspeto de células da pele, mas ainda não num organismo. Outros laboratórios estão a reverter a idade cronológica de ratinhos só com manipulação genética. Isto quer dizer que o envelhecimento depende dos genes e, manipulando-os, somos capazes de o reverter. Está mais ou menos

«Estamos talvez mais preocupados em viver mais tempo do que em preservar o planeta.»

Maria Carmo-Fonseca

«Queremos as respostas, mas sabemos que o principal são as perguntas.»

Maria Manuel Mota

assente como uma conquista do próximo século, se não a imortalidade, pelo menos a amortalidade, isto é, não se morrer de forma involuntária. O grande desafio para a ciência é chegar-se aos 100 anos sem as debilidades atuais dos idosos.

ULISBOA A juventude passará a durar mais.

MCF Isso já é um facto. A Organização Mundial de Saúde, perante o aumento de esperança média de vida, reclassificou as idades, e até aos 65 anos é-se jovem; a partir dos 65 anos entra-se na idade média; a partir dos 85 anos, é-se *long-lived*.

ULISBOA O que pode implicar a possibilidade de vivermos cada vez mais tempo?

MCF O *homo sapiens* é extremamente inteligente e insatisfeito com o que tem. O facto de nunca estarmos satisfeitos com o que atingimos esteve sem dúvida na base do nosso sucesso evolutivo. Querer viver mais tempo é inerente à natureza humana, e estamos a consegui-lo devido à nossa inteligência. Aliás, estamos talvez mais preocupados em viver mais tempo do que em preservar o planeta. Podemos chegar a ter tecnologia para vivermos mais tempo, mas depois não conseguirmos por já não termos planeta.

ULISBOA Que pensam sobre o veto do diploma que reconhecia interesse público às escolas superiores de terapias não-convencionais?

MCF Estou 100 % de acordo com esse veto. Como sociedade, precisamos de ter instituições e valores em que acreditemos. Num hospital, confiamos que a universi-

dade ensinou os médicos, e que as entidades reguladoras do Estado português, ou orientadas pelo Estado, verificam quem aí trabalha. Muitas destas terapias não-convencionais não cumprem critérios de fiabilidade. É responsabilidade do Estado zelar pela qualidade do que é oferecido aos seus cidadãos.

MMM Concorde. Ninguém está a pôr em causa que muitas destas práticas não tenham séculos de experiência empírica, mas têm de ser testadas para serem postas ao nosso serviço.

ULISBOA Quando Maria Carmo-Fonseca recebeu o Prémio Pessoa, em 2010, lançou o repto: «Vamos modificar geneticamente o fado português.» A que se referia?

MCF A área em que trabalho, a regulação genética, tem muito para oferecer além da investigação laboratorial. Espero que o conhecimento produzido possa ter um impacto não só médico, mas também social. Quanto mais falarmos de ciência, quanto mais prepararmos os jovens para terem um espírito crítico, mais estamos a mudar o «fado» português – acharmos que somos uns coitadinhos e não podemos mudar. Podemos, e de muitas maneiras. Os jovens portugueses, quando chegam à universidade com 18 anos, têm uma atitude mais ambiciosa, sabem melhor o que não querem para o futuro. O fado português já está a mudar.

MMM O conhecimento é a melhor ferramenta que podemos dar às pessoas para construírem um mundo melhor. E estamos

perante uma grande revolução com a inteligência artificial; a forma como vemos a vida vai mudar, mas temos de ter a noção de que a vida já mudou muito. Se os nossos bisavós acordassem agora, não perceberiam grande parte do nosso mundo.

ULISBOA Faz diferença ser-se uma mulher ou homem cientista?

MCF Felizmente, a ciência é uma das áreas em que o género não conta. Nunca senti nenhum tipo de enviesamento ou tratamento diferente por causa do meu género, tanto em Portugal como no estrangeiro. Mas noto que é menos frequente uma mulher optar por uma carreira científica com a ambição de chegar ao topo.

ULISBOA Em que difere o iMM de outras instituições de investigação?

MMM O nosso mote é: «Procuramos perguntas». Queremos as respostas, mas sabemos que o principal são as perguntas. Temos 32 grupos de investigação, com 450 investigadores. As melhores perguntas surgem da mistura de várias pessoas a pensarem de maneira diferente. Criou-se aqui um espírito vibrante. Estamos sempre irrequietos, a perseguir novos problemas e a tentar encontrar novas soluções.

MCF O que torna cada instituto de investigação único são as pessoas. Criámos uma cultura entre nós que não existe em mais lado nenhum. É como se fosse a nossa família, necessariamente diferente das outras. E o sítio onde vivemos é cada vez menos isolado, passamos grande parte do tempo a interagir com colegas de todo o mundo. •

FATAL À FLOR DA PELE

20 ANOS DE FESTIVAL ANUAL DE TEATRO ACADÉMICO DE LISBOA



AQUARIUM.
Encenação de Ana Vargas.
TEUC II – Teatro dos Estudantes
Universitários de Coimbra.
FATAL 2016
© Amélia Monteiro



É organizado pela Universidade de Lisboa e tem lugar nessa cidade, mas o seu propósito é nacional e internacional. Nestes 20 anos, o FATAL acolheu todos os grupos de teatro universitário do país, da Universidade do Algarve à Universidade de Bragança.

Este ano comemorativo traz novidades à programação. Entre 2 e 12 de maio haverá cerca de 20 espetáculos em cena, em vários espaços da cidade: Cantina Velha da ULisboa; Biblioteca Orlando Ribeiro, no Lumiar; Biblioteca de Marvila; Auditório Carlos Paredes, em Benfica. Serão realizados dois espetáculos por dia, às 18h e às 21h.

Tudo começa a 4 de abril, com a apresentação pública do festival na Reitoria, inaugurando-se uma exposição fotográfica e uma instalação, patentes até 7 de junho. Ainda em abril, estão programados:

- dia 6: Ignição FATAL, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, em parceria com a Gerador;
- dia 10: Poesia Musicada pelo TUT – Teatro Académico da ULisboa, na Reitoria;
- dia 13: FATAL KIDS – pela primeira vez, um espetáculo para crianças, no Jardim Botânico da Politécnica;
- dia 27: *Fluxo* – performance do Colectivo 249, na Cisterna da Faculdade de Belas-Artes.

Atualmente, são dez os grupos da Universidade de Lisboa: Fc-Acto (Ciências); Cénico de Direito (o mais antigo do país, formado em 1954, e dos mais antigos da Europa); Tubo de Ensaios (Farmácia); ArTeC e Grupo de Teatro de Letras (ambos da FLUL, o último mais conhecido pelo acrónimo GTL e fundado em 1965; por ele

passaram Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, fundadores do Teatro da Cornucópia); Catarse (Medicina); Ultimacto (Psicologia e Instituto de Educação); GTIST (Técnico); e TUT – Teatro Académico da ULisboa e GTFUL – Grupo de Teatro dos Funcionários da ULisboa.

Meio de revolução estudantil e de contestação ao regime nos anos de ditadura, na década de 1980 o teatro universitário perdeu força, mas ressurgiu nos anos noventa pelo empenho dos estudantes – a 1.ª edição do FATAL, em 1999, está diretamente ligada a este ressurgimento. Há grupos com encenador fixo e grupos de vertente mais formativa, com encenadores, dramaturgos e atores convidados para lecionar *workshops* e desenvolver um projeto anual. No início do ano letivo, inscrevem-se novos membros, escolhe-se o texto, dá-se início aos ensaios; o espetáculo fica pronto para apresentação em fevereiro.

Em 2006, o FATAL passou de mostra a competição, e Andreia Pereira, Catarina Alves e Ricardo Manso, alunos da Faculdade de Belas-Artes, sob orientação do professor João Duarte, desenham os troféus Prémio FATAL, de melhor espetáculo, e Prémio FATAL Cidade de Lisboa, para o espetáculo mais inovador. A transversalidade artística acentua-se, com instalações urbanas, *performances*, conferências, *masterclasses*, *workshops*, e tertúlias no final dos espetáculos. O artista plástico



© Nuno Morais



© Nuno Morais

OS SAPATOS
Texto de Yvette Centeno. Cocriação
e encenação de Cheila Pereira e Margarida
Cabral. CITAC – Círculo de Iniciação
Teatral da Academia de Coimbra.
Vencedor do Prémio FATAL 2018

TRÊS TRISTES TIGRES
Criação coletiva. TUP – Teatro
Universitário do Porto. FATAL 2018



NA TÚA CARA / IN YER FACE
Baseado na obra de Sarah Kane.
Encenação de Paloma Lugilde. Companhia de Teatro da USC – Lugo, Universidade de Santiago de Compostela. FATAL 2012
© Tânia Araújo

CORPO EM CRISE
Criação coletiva com direção de Matilde Javier Ciria. TEUC – Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. FATAL 2014
© Zé Miguel Santos



Miguel Dominguez Cuña foi o criador do primeiro cartaz, com a cadeira que viria a tornar-se ícone do festival. Na memória descritiva do desenho, lê-se: «A cadeira é um dos adereços que mais se utiliza em cena. Os espetadores utilizam cadeiras. A forma de uma cadeira pode definir diferentes tipos de espaços, classes sociais, épocas. Uma *cadeira* existe porque *alguém* se senta nela. (...) Uma imagem com o duplo valor de representação do palco e da plateia, do ator e do espetador.»

A internacionalização foi uma aposta desde a 2.ª edição. Os grupos estrangeiros participam por convite e fora de competição; contribuem para a troca de experiências e o conhecimento do que se faz noutros países. Em 2011, o GTL participou no

Festival de Teatro Universitário de Artois, em França, e em 2012 o grupo FcActo deslocou-se ao Festival de Teatro Universitário de Fès, em Marrocos.

O FATAL foi o primeiro festival de teatro académico do país. Fez história, fomentando a pesquisa e a recolha de textos a nível nacional, recebendo e publicando, na Revista FATAL, textos inéditos e entrevistas com personalidades marcantes do teatro universitário. Foi palco de histórias, além das representadas sob a luz dos holofotes – a de cada uma das pessoas que nele participou. A Revista falou com cinco delas acerca da génese, importância e desenvolvimento do festival. ●

Visite a página oficial: www.fatal.ulisboa.pt



© Tânia Araújo

ISABEL MAÇANA BRUXO

Diretora do FATAL entre 1999 e 2011
Homenageada da 20.ª edição

«Em 1995, dirigi as jornadas culturais no âmbito do Luxemburgo Capital Europeia da Cultura. Durante três meses, cientistas, artistas, estudantes e professores das universidades portuguesas deslocaram-se ao Luxemburgo e à Alemanha para conferências, mostras etnográficas, *workshops*. Foi o primeiro evento deste tipo que produzi, das viagens à programação. Este foi o grande passo para a estruturação da atividade cultural na Universidade de Lisboa. Adotámos o modelo e, em 1996, criei o UL Cultura – Jornadas Culturais da Universidade de Lisboa. Estudantes da Universidade de Lisboa e do Instituto Superior Técnico abordaram-me para fazer um ciclo de teatro. Houve espetáculos de seis grupos, uma conferência com jornalistas, encenadores e especialistas de teatro, e uma exposição: está aqui o berço do FATAL.

Respeitava muito o trabalho dos grupos, que, sem condições, faziam apresentações anuais. Tinham criatividade e ousadia. Queríamos dar resposta ao trabalho destes estudantes; o FATAL trouxe-lhes palco,

público. O primeiro ano foi uma aventura. Queríamos um festival que captasse público universitário e não universitário. Os espaços da Universidade não chegavam, e as grandes salas tinham programação própria. Descobri a Academia de Santo Amaro, da Junta de Freguesia de Alcântara, um espaço fabuloso, fora dos circuitos; no ano seguinte foi ocupado por companhias de teatro profissional. Em 2002, o festival não acontece. No ano anterior, as salas da Cidade Universitária haviam sido incapazes de acomodar o público conquistado. Entrei em contacto com o diretor do Maria Matos, que nos disponibilizou o teatro.

Com o festival, surgiram 15 novos grupos a nível nacional. Queríamos mostrar o maior número de grupos de teatro universitário do país. Tínhamos o apoio dos Serviços de Ação Social para refeições e alojamento: o festival é um projeto em que os parceiros têm um grande peso. A imprensa recebeu-nos muito bem; na 1.ª edição, o Manuel João Gomes escreveu sobre nós no *Público*.

Começámos os prémios não para iniciar uma competição, mas estimular os grupos e vincular os mecenas. Um momento importante foi a autorização da Faculdade de Letras para que os estágios curriculares de algumas licenciaturas se realizassem no âmbito do FATAL. Surgiram alunos espetaculares, com um empenho enorme na produção dos espetáculos e da Revista.

Todos os anos foram diferentes, e todos foram anos de conquista. As instalações urbanas, as *performances* nas ruas, em bares, no metro, serviam para provocar o público de uma forma positiva para a arte. Não podia ser apenas teatro dentro de paredes – tínhamos o compromisso de fomentar e dinamizar a cultura da cidade de Lisboa.

Guardo uma gratidão enorme por todos os grupos, pelos mecenas, e amizade pela minha equipa. O FATAL é uma lição de humanismo. Não acredito numa universidade que crie um sábio que não entende pessoas; a missão da universidade é criar humanismo nas sociedades.»

«Todos os anos foram diferentes, e todos foram anos de conquista.»



OS SAPATOS
© Nuno Morais

- 1999 1.ª edição, na Academia de Santo Amaro, com 9 grupos.
- 2000 Teatro da Trindade. Maria Helena Serôdio cria o lema «Uma flecha jovem no coração da cidade». Primeira participação internacional: o Teatro Maricastaña, de Ourense, Espanha.
- 2001 Coorganização com os grupos de teatro universitário; realiza-se na Cidade Universitária: Faculdade de Ciências, Faculdade de Letras, Faculdade de Medicina e Cantina Velha.



AQUÁRIO
Criação coletiva. Encenação de Catarina Lacerda. CITAC – Circuito de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra. FATAL 2013
© 2013 José Furtado

- 2002 O festival não acontece.
- 2003 Teatro Municipal Maria Matos.
- 2004 Formação da Comissão de Honra.
- 2005 Teatro da Politécnica, casa do festival até 2007. O FATAL no Bairro Alto: apresentação de teatro erótico em bares do Bairro Alto.

© Acervo pessoal



ISABEL TADEU

Organização do FATAL entre 1999 e 2001 e entre 2011 e 2018

«Queria ter trazido a minha *t-shirt* do primeiro FATAL, mas não a encontrei. [Risos] Eu fazia parte do grupo de teatro da Universidade Lusfada e levámos uma peça à Aula Magna; a Isabel Bruxo conheceu-me e convidou-me para trabalhar com ela.

A década de 1990 foi de grande efervescência no ensino superior, com a guerra contra as propinas, o aparecimento de universidades privadas. Havia vontade de fazer coisas, surgiram muitos grupos de teatro

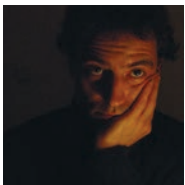
universitário. Desde o processo de Bolonha que os grupos sentem dificuldade em criar uma estrutura. As licenciaturas de cinco anos permitiam criar um projeto, passar o testemunho aos mais novos; em três anos, e com Erasmus, há menos tempo para atividades extracurriculares, para ter o prazer de se ser estudante universitário.

Parte da magia do teatro académico é fazer coisas interessantes com poucos recursos. O júri fica fascinado com a quali-

dade dos espetáculos. O FATAL obrigou os grupos a melhorarem, a um espírito de competição salutar; mas é preciso cuidado para não se profissionalizarem demasiado.

Por vezes, as universidades fecham-se sobre si próprias; tudo quanto promovia o convívio é útil, sobretudo nesta fase da vida, em que se aprende e transmite sempre algo. Aconselho toda a gente a fazer teatro. Criam-se amizades para a vida inteira; o teatro obriga a uma partilha profunda.»

© Acervo pessoal



ÁLVARO ÁSPERA

Diretor de produção do FATAL entre 2001 e 2008

«Quando comecei a trabalhar com a Isabel Bruxo, vinha da gestão de projetos, na área privada. Com ela, definia a estratégia, dirigia e executava o festival, e coordenava as equipas de trabalho, constituídas por alunos das várias faculdades; era nossa filosofia incluir o corpo estudantil nas atividades culturais da Universidade.

Um dos indicadores da inserção social de um projeto é a quantidade de apoios

que capta, e o FATAL conseguiu 50 patrocinadores nas três áreas relevantes: cultural, municipal e do setor privado.

Destaco 2007 como o ano em que atingimos o patamar que viria a ser a base da continuação do festival. Cada parte fazia sentido e era importante para o todo. Criámos um corpo que agora só tinha de ganhar asas e voar! O próximo passo seria reforçar a internacionalização, trazer

grupos estrangeiros para a competição.

O festival era um alienígena, que só funcionou porque estava sob a alçada direta da Isabel; e porque, a mim e a ela, os problemas estimulam-nos. Com esta atitude, por vezes acontecem milagres, como uma solução inesperada.

Houve alguma nostalgia quando larguei o projeto, mas também uma sensação de satisfação, de missão cumprida.»

© Tânia Araújo



MARISA COSTA

Organização do FATAL entre 2003 e 2013

«Era emocionante ver os grupos subirem ao palco, pessoas muito novas, com muita entrega, muitos nervos. Para alguns, era não só a primeira vez que pisavam um palco, mas também que iam ao teatro.

Esforçámo-nos por tornar o festival um projeto profissional. A quantidade de patrocinários era invejável, com o apoio de instituições do ensino superior e das faculdades da Universidade. O festival depende de um esforço coletivo, e a Revista surge em 2008 desta força, credibilidade e estabilidade, da experiência de trabalho que tínhamos. Ha-

via pessoas importantes que conheciam e valorizavam o festival e, por isso, podiam escrever para a revista. Tinha uma tiragem de mil exemplares e incluía um anuário dos grupos em atividade e um anuário dos encenadores de teatro universitário, ambos a nível nacional.

O primeiro número tinha de representar a diversidade de pessoas que fazem o teatro universitário e ser um objeto artístico, colecionável. A Joana Hartmann criou o modelo gráfico com o vermelho como cor principal. Era uma narrativa em imagens, com

uma pergunta subjacente: «Que história queremos contar este ano?» Foram seis números, de 2008 a 2013. Tinha uma secção de textos inéditos de teatro e entrevistas; lembro-me da que fiz ao Adolfo Gutkin, uma das pessoas a quem nos rendemos.

O FATAL é também um espaço de expressão pessoal. É fundamental que a universidade pense para que serve a cultura, a expressão artística. A Universidade de Lisboa deve continuar a assumir para si, e com maior força, um papel na atividade cultural e de criação artística dos seus estudantes.»

© Marco Soares



ISABEL FRANÇA

Atual coordenadora da equipa do FATAL

«O FATAL adaptou-se aos tempos e às orientações estratégicas da Universidade. Manteve-se o propósito de ligar a Universidade à sociedade e ser parte da oferta cultural de Lisboa. Em 2018, passou a ser gratuito e transferimos o festival para algumas juntas de freguesia. Colaborar com o poder local foi gratificante: contribuímos para dar mais vida a estas zonas e levámos às pessoas algo que sentiram como

seu. Este ano repete-se. Esperamos que a comunidade universitária se envolva mais na assistência aos espetáculos.

Nada se faz sem equipa, e tenho de agradecer à minha, especialmente ao Núcleo de Programação Cultural e Ligação à Sociedade e ao Núcleo de Comunicação. Criaram um novo logótipo, sempre à volta da cadeira, claro, e fizeram um trabalho excelente

de divulgação nas redes sociais. Temos mantido dois grandes parceiros: a Câmara Municipal de Lisboa, desde o início, e, há 15 anos, o MEF – Movimento de Expressão Fotográfica, criador da memória fotográfica do festival. Enquanto houver quem acredite no teatro universitário, enquanto houver estudantes, universidade, e equipas empenhadas, haverá FATAL.»



O ARRANCA-CORAÇÕES.
Autoria e encenação de Susana Vidal.
GTIST - Grupo de Teatro do Instituto Superior
Técnico. FATAL 2007
© Sofia Quintas

- 2006** Criação do Prémio FATAL e Prémio Cidade de Lisboa. Instalação *Álvaros & Chairs*, criação dos alunos finalistas de escultura de Belas-Artes. Apresentação de 3 peças *site specific*: Hospital Júlio de Matos, Instituto Superior de Psicologia Aplicada; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Parceria com a Câmara Municipal de Foz Côa para itinerância do FATAL.
- 2007** Reestruturação gráfica: mudança de logótipo e predominância do vermelho. *Fatalidades*: primeira exposição fotográfica, patente em 8 locais do Bairro Alto.



© Hugo Esteves

- 2008** 1.ª edição da Revista FATAL.
- 2009** 10 anos de FATAL. | Criação do Prémio do Público. Teatro da Comuna, casa principal do festival até 2011.
- 2012** Nova reestruturação gráfica.
- 2018** O festival torna-se gratuito e transfere-se para outros pontos da cidade.
- 2019** 20 anos de FATAL.



FILIPA CAVALLERI

«QUANDO ENSINAMOS AQUILO DE QUE GOSTAMOS, PODEMOS FAZER A DIFERENÇA.»

Filipa Cavalleri é treinadora de judo e gestora de projetos.

Fotografia © José Bértolo

ULISBOA Licenciou-se em Ciências do Desporto na Faculdade de Motricidade Humana (FMH).

FILIPA CAVALLERI Não foi planeado; no secundário, escolhi a opcional de Direito. Eu e os meus pais achámos importante ter um percurso académico e, para o conciliar com a minha vida desportiva, escolhi a FMH. Foi difícil; com o estágio, demorei nove anos a fazer o curso, mas consegui um currículo ímpar. Quando terminei, fui con-

vidada para assistente, e durante 14 anos lectionei todas as disciplinas relacionadas com a didática dos desportos de combate, a metodologia do treino, etc.

ULISBOA Porque saiu?

FC De 2002 a 2016 fui assistente convidada em regime parcial. Queria uma carreira, e isso, infelizmente, não aconteceu. Para ter alguma segurança, decidi dar um salto e arriscar noutra área. Agora estou na Grupovarius, um negócio da minha família

em várias áreas, de eventos a exportação. Como fui atleta e sou treinadora, faço uma espécie de *coaching*, o planeamento e a gestão de projetos; lidero e supervisiono as diferentes equipas de trabalho.

ULISBOA Que qualidades de um atleta são úteis para um cargo de gestão?

FC Um atleta desenvolve uma grande capacidade de trabalho, esforço, motivação, uma grande resiliência perante as adversidades; isso diferencia-nos do cidadão comum.

ULISBOA Fundou a Turma dos Judokinhas.

FC Comecei muito nova a dar aulas de judo; enquanto atleta, ter uma bolsa não chega, porque há gastos com o equipamento, por exemplo. Quando terminei a carreira, quis dar continuidade ao que aprendi. Com o Renato Santos, também atleta olímpico, fundei a Turma, neste momento com 500 atletas. Estamos na Grande Lisboa, com um centro de treino no Norte, e dedicamo-nos aos escalões de iniciação e formação.

ULISBOA Que outras ligações mantém com o judo?

FC Todos os dias visto o fato! Não poderia perder a identidade. Vim para esta empresa em busca de algo novo para a minha vida, de sair da zona de conforto – é típico de alguém que atinge o topo nunca estar satisfeito, querer sempre mais. Tenho um horário flexível e ensino quatro dias por semana. Paralelamente à FMH, fui treinadora nacional durante dez anos na Federação Portuguesa de Judo. Sempre tive uma vida preenchida; se não fizesse mais nada ia sentir a falta!

ULISBOA Terminou a carreira de atleta aos 30 anos. É a idade normal para uma judoca?

FC Há mulheres que terminam mais cedo, por causa da maternidade. Já evoluímos nisso: as atletas têm um filho no final de um ciclo olímpico e, no seguinte, já estão em forma. Terminei quando achei que devia. Fiz três ciclos olímpicos, o que significou 12 anos a trabalhar ininterruptamente. Implicou muita rigidez e exercer um grande controlo – o judo é um proje-

to de vida. Quis casar e ter filhos; já tinha saboreado muita coisa, queria fazer outras.

ULISBOA Os seus filhos praticam judo?

FC A Teresa, de 12 anos, treina comigo; o Sidónio, de 15, está mais com o Renato. Fazem judo porque querem e gostam, e como complemento da sua formação. A sociedade tem falta de valores, e o judo transmite valores, implícitos na sua prática.

ULISBOA É membro da Comissão Mulheres e Desporto do Comité Olímpico de Portugal.

FC O Comité Olímpico formou comissões consultivas em várias áreas, da arbitragem à antidopagem. Talvez por sermos mulheres, a nossa comissão é muito ativa. [Risos] Um dos objetivos é perceber como nos situamos em relação a outros países. A nível nacional, há diferenças gigantescas no papel das mulheres no desporto, enquanto atletas, árbitras, treinadoras, dirigentes. O Comité tem estado atento às nossas sugestões. Por exemplo, aceitaram estabelecer os prémios de «Melhor Atleta do Ano» masculino e feminino e «Esperança Olímpica» masculina e feminina. Criámos um projeto que dará às federações estratégias para captar e fidelizar novas atletas femininas. Há estudos que dizem que o abandono das atletas ocorre entre os 13 e os 16 anos, talvez pelas alterações no corpo ou pela mudança de interesses. De que modo podemos prevenir o abandono precoce? Talvez pelo exemplo.

ULISBOA Foi a primeira judoca feminina portuguesa a obter a graduação do 6.º DAN.

«Um atleta desenvolve uma grande capacidade de trabalho, esforço, motivação, uma grande resiliência perante as adversidades.»

«A sociedade tem falta de valores, e o judo transmite valores, implícitos na sua prática.»

FC É uma graduação de altíssimo nível. A evolução no DAN dá-se por via não competitiva. Implica fazer um conjunto de *katas*, demonstrações técnicas, que exigem esforço e treino. Quando ganhei a minha primeira medalha europeia, a Federação estabeleceu que se pode passar para o DAN seguinte, por mérito. A minha geração foi pioneira em desbravar caminho. Hoje, só se pode passar uma vez por mérito. Fiz o exame para 5.º DAN há 20 anos; tinha de estar 10 ou 15 anos aí, e só depois poderia fazer exame para o 6.º. Fui adiando e, entretanto, a Federação Portuguesa de Judo, pela minha carreira como atleta e treinadora, fez-me uma homenagem, quando organizei um dia dedicado ao judo feminino. Consegui ter 150 mulheres em cima do tapete, em Setúbal. Receber a distinção no meio delas representou para mim dizer-lhes: se eu consigo, vocês também conseguem. Agora, já há mais duas ou três mulheres com o 6.º DAN.

ULISBOA Qual a memória mais carinhosa que guarda dos tempos de atleta?

FC Não consigo dissociar a carreira de atleta do percurso na FMH. Na década de 1990, o Comité Olímpico criou uma equipa multidisciplinar com professores da Faculdade: o mentor era o Prof. Pedro Mil-Homens; na psicologia estava o Sidónio Serpa, com quem casei; na fisiologia, o Prof. Gomes Pereira, por quem tenho um grande carinho; foi uma pessoa que me ajudou muito. Uma das mais-valias dos professores é estarem disponíveis para os alunos, e foi sempre essa a minha perspetiva. Quando ensinamos aquilo de que gostamos, podemos fazer a diferença. ●

LUÍSA COSTA GOMES

«LIBERDADE ACIMA DE TUDO, ATÉ EM RELAÇÃO AOS NOSSOS MEDOS.»

Luísa Costa Gomes é escritora.

Fotografias © José Bértolo

ULISBOA O que a levou ao curso de filosofia na Faculdade de Letras?

LUÍSA COSTA GOMES Tive uma adolescência cheia de fantasias sobre o que queria ser quando fosse livre, e todos os dias mudava de ideias. Quando tinha 14 anos, deu-se a Guerra dos Seis Dias, e eu queria ir para Israel, lutar. Acabei por ir para filosofia pelo mistério, e por achar que tinha algum *cachet*. Estava convencida de que ia fazer investigação em filosofia, até o professor

Carmo Ferreira me dizer, no 4.º ano, que não existia a carreira de investigador. Comecei a dar aulas aos 20 anos, estava ainda a acabar o curso, em 1975.

ULISBOA Deu aulas quanto tempo?

LCG Durante dez anos, de filosofia. Depois, parei, e voltei em 2000, integrada no programa «Artes na Escola», de educação pela arte. Durante outros dez anos andei pelo país a fazer oficinas de escrita em escolas, para miúdos de todas as idades. Depois, reformei-me.

ULISBOA Como tomou a decisão de se dedicar à escrita?

LCG Era uma questão simples: eu não podia viver de outra maneira. Não conseguiria sobreviver se não escrevesse. Dei aulas até 1987, sempre a procurar trabalhos temporários que me dessem dinheiro suficiente para escrever durante uns meses. Fiz o catálogo para a Imprensa Nacional, fiz legendagem de filmes; fiz um programa de televisão [*Livros*], num verão,

em que estive três meses sem dormir. Fiz o único programa de rádio sobre filosofia em Portugal, na Rádio Comercial, *A Lógica Mente*. Escrevi para jornais, crónicas. A minha vida era fazer o suficiente para poder escrever.

ULISBOA Sempre com vista à publicação?

LCG Dependia, porque também escrevia muito teatro. Em 1984/85, comecei por escrever teatro em inglês, peças que só há pouco tempo tiveram versões portuguesas.

ULISBOA A peça *Um filho*?

LCG *Um filho* é uma adaptação de *Houses without walls*. E *De passagem* é uma adaptação de *Just passing through*, uma opereta em cinco atos, em inglês, sobre economia. Quando comecei a escrever teatro, não era para publicar, nem sabia para que era. Comecei a publicar em 1982 [*Treze Contos de Sobressalto*], na Bertrand, graças à Maria Piedade Ferreira. Mostrei-lhe três ou quatro contos e ela disse: «Isto interessa-me, mas tem de escrever mais.» Os contos que acho melhores, os mais extensos, foram escritos para fazer o livro.

ULISBOA Se não tivesse tido quem a publicasse, teria continuado a escrever?

LCG Escrevo desde que me conheço, desde os dez anos de idade. Em adolescente, escrevia umas utopias, inventava sociedades perfeitas, em que todos se adoravam e viviam ao ar livre. Se não tivesse publicado, teria sido, com certeza, profundamente infeliz. Quando imagino o privilégio que foi a minha vida, ter este sítio silencioso, povoado pelas minhas gentes e maluqueiras... E essas coisas, que são minhas, serem aceites, reconhecidas e apreciadas, e não serem mandadas para Rilhafoles [*risos*], é um enorme privilégio.

ULISBOA Vê a escrita como uma profissão?

LCG Não. Mesmo depois de publicar o primeiro livro, achava estranho dizer que era escritora. Só a partir do terceiro ou quarto é que percebi que não era anátema, nem arrogância, porque era o que eu fazia. Lembro-me de um encontro de raspão

com o William Golding, em que ele disse algo como: «Eu ganhei o Nobel, mas todos os dias tenho de me levantar e escrever.» O que fazemos é todos os dias levantarmos e inventarmos coisas. Isso é que é uma vida.

ULISBOA Também deu oficinas de escrita. É possível ensinar a escrever?

LCG Não se pode ensinar, mas pode-se aprender. E aprender significa perceber o que se quer, o que é obra de uma vida inteira: perceber, por exemplo, que não queremos escrever como o Kafka ou o Poe. Primeiro, temos de encontrar a nossa maneira; depois, tentarmos não ficar presos nessa maneira. São tensões, desequilíbrios, que temos de gerir. É uma exploração da identidade, também coletiva, e das nossas relações com os outros, da forma como nos inserimos ou não na contemporaneidade.

ULISBOA Sabe logo que vai escrever um romance e não, por exemplo, um conto?

LCG Sim. O meu primeiro romance [*O Pequeno Mundo*] era um romance epistolar que teve muita investigação por trás, sobre o Camilo Castelo Branco. Mas a questão do género não é importante, o importante é fazer. Se vejo uma coisa diferente, penso «como é que se faz?», e quero fazer também.

ULISBOA Parece ter uma predileção por escrever vidas.

LCG Tenho cada vez mais a sensação de que os meus livros emparelham uns com os outros. Há a ideia de que o escritor escreve sempre o mesmo livro; eu escrevo sempre os mesmos livros. *Florinhas de Soror Nada* é uma espécie de anti *Vida de Ramón*. Agora estou a começar um romance sobre relações *online*.

ULISBOA Emparelha com *Olhos Verdes*...

LCG Exatamente. Mas *Olhos Verdes* segue o modelo da saga islandesa, em que as pessoas não têm vida interior e a sociedade funciona como uma mecânica de vendetas, de *omertà*. Este está mais relacionado com filósofos como Kierkegaard, com a vida do Casanova, por exemplo. Chama-se *Diálogos no Escuro*.

ULISBOA Como é a relação com as suas personagens? Às vezes parece haver distanciamento e ironia.

LCG Às vezes trato-as um bocado mal... Tive esse problema em *Ilusão* (*Ou o que Quiserem*). Quando começo um romance ou um conto, tenho sempre um problema técnico, e percebo que preciso dele para não escrever. Ali, o problema era a inconsistência entre a voz da personagem e a voz pessoal. Isso bloqueou-me. Mas deixo passar um tempo e depois a vontade de escrever é tão grande, que quero lá saber do problema. Há as coisas certas, como se deve fazer, e há as coisas como nós as queremos fazer. Normalmente, as coisas como eu as quero fazer são todas erradas.

ULISBOA É preciso «sair de casa» para escrever?

LCG Depende do projeto. Durante anos, escrever sobre a minha vida ou as pessoas que conhecia era tabu. Percebi que as pessoas sobre as quais escrevia não percebiam que eu estava a escrever sobre elas, e que aquelas sobre as quais não escrevia por vezes imaginavam que eu estava a escrever sobre elas – e até se zangavam. Não consigo controlar a maneira como as pessoas leem os textos, e não vale a pena estar preocupada com o que vão achar. Percebi que não se escreve senão de forma autobiográfica. É isso que é tão terrível quando um escritor é mau, ou quando tem uma mente desfigurada.

ULISBOA O estilo nunca o esconde?

LCG Nunca. Sou muito sensível ao tipo de pessoa que escreve. O que acho apaixonante em *Vida de Ramón*, por exemplo, é a vida que ele criou para si, as escolhas que fez. É impossível não escrever com a nossa experiência. Se percebêssemos, quando escrevemos, o que há de exposição da nossa intimidade, até psíquica, ninguém escreveria.

ULISBOA Já teve medo de escrever?

LCG Já houve muito policiamento interno: na escolha de temas, de cenas, de situações. Felizmente, a idade trouxe-me a libertação de mim própria. A minha luta foi



«O que um escritor
faz é recomeçar
permanentemente.»

«A minha luta foi sempre
essa: libertar-me das minhas
próprias limitações.»

sempre essa: libertar-me das minhas próprias limitações.

ULISBOA O pensamento é repetitivo e até desinteressante, mas na escrita pode tornar-se interessante.

LCG O que é preciso – e raro – é que a escrita surpreenda. Quando o escritor impõe a si mesmo os limites do que acha que não é correto, ou do que pode ter impacto na sua reputação, é a chamada morte do artista. Liberdade acima de tudo, até em relação aos nossos medos.

ULISBOA Vive apenas da escrita?

LCG Nada mesmo. O que me permite viver é o muito trabalho que vou tendo no teatro.

ULISBOA Escreveu parte de *Florinhas de Soror Nada* numa residência da Fundação Bogliasco, em Génova.

LCG Tenho estado em sítios lindíssimos, onde nos deitam comer três vezes por dia, como às galinhas, e nos deixam escrever. [Risos] Descobri que tenho uma «pancada» por viver em palácios e sítios com tetos altos – dão-nos espaço para pensar.

ULISBOA Como vê o mercado livreiro?

LCG A ideia de uma indústria da cultura começou nos anos oitenta, com a criação de conteúdos culturais europeus para contrariar o domínio americano. Os mais bem-intencionados pensaram que era possível manter a cultura (fazer livros que são livros) e a indústria (fazer couves-lombardas para vender no supermercado). Mas hoje o modelo tornou-se único e aplica-se até às pequenas editoras, porque tudo é dominado pelas grandes livrarias e as grandes superfícies. Há escritores com obra feita que não encontram editor porque não vendem.

ULISBOA Criou a *Ficções*, uma publicação inédita em Portugal.

LCG E, no início, com sucesso. O projeto era meu e do Abel Barros Baptista. O primeiro número esgotou. Foram dez anos de grande alegria, que acabaram porque a revista cumpriu as missões a que se tinha proposto: todos os grandes contistas estavam traduzidos.

ULISBOA Definiu-se como «velha anarquista». É feminista?

LCG Cada vez mais. Interessa-me a maneira como as mulheres vivem a contemporaneidade, como pensam a sua vida; as formas de as pessoas sobreviverem emocionalmente, de se adaptarem. Ser mulher hoje é mais desafiante. A cultura ocidental, na sua raiz cristã, é misógina, e essa misoginia é incorporada pelas mulheres de muitas maneiras.

ULISBOA Que conselhos daria a um jovem aspirante a escritor?

LCG Um aspirante a escritor é uma coisa tão vaga... Pode-se querer ser escritor por tantas e tão más razões. Se quiserem uma carreira com sucessos, recomendo que fujam a sete pés da escrita! [Risos] O que um escritor faz é recomeçar permanentemente. •

Tudo sobre Luísa Costa Gomes aqui:
<https://www.luisacostagomes.org/>